

O HERALDO

BI-SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO
DIRETORES E PROPRIETARIOS: — LYSTER FRANCO E JOÃO PEDRO DE SOUSA

Administrador, — J. P. Sousa — Editor, — L. Franco
Publica-se ás quartas e sabados

Redação, administração, composição e impressão
Tipografia Democratica, Rua 1.ª de Dezembro — FARO

ASSINATURAS: — Trimestre 500 réis — COMUNICADOS E ANÚNCIOS — Cada linha 20 réis. Para a 1.ª e 2.ª pagina contrato especial. Publicam-se todas as informações de interesse geral.

HIPOCRISIAS QUE REVOLTAM

A Alma Algarvia, nosso colega de Portimão, noticiou que o chefe do distrito, dissolvendo a Comissão municipal administrativa de Lagôa, praticou uma violência.

Veiu á estacada o Algarve, apregoando que não concorda com a doutrina de se classificar de violência a dissolução das comissões administrativas, visto que estas, nomeadas pelos governadores civis, são de sua confiança e portanto justo é que se dissolvam quando perderem essa mesma confiança.

Pois não ha duvida de que a dissolução foi uma violência, uma revoltante ilegalidade, que talvez noutros concelhos não permitisse. Uma ilegalidade que não tem justificação absolutamente nenhuma.

Em que se baseia o Algarve para declarar que não foi violencia o gesto infeliz do governador civil? Bem o sabemos: é no ingenho argumento do que estas comissões administrativas foram de nomeação dos governadores civis. Não as elegeu o povo!!!

E ha quem, baseado nesta edificante ingenuidade, venha defender um arbitrio, uma asneira, um excesso de poder!

E ha jornalistas que, devendo fustigar impiedosamente os que desrespeitam as leis do Estado, cometem a imprudencia de justificar as ilegalidades, os abusos, os indecoros politicos, as infamias dos que, por mal dos nossos pecados, assumem altos poderes administrativos!

E ha homens que, tendo por estrita obrigação a defesa dos principios republicanos, veem autorisar com os seus escritos a desastrada e cinica influencia das primeiras autoridades!

E quando o paiz, a moralidade do regimen, o dever e a honra dos portuguezes nos impõem o respeito das leis, ainda ha quem aplauda os vicios da monarchia, as velhas immoralidades, os sistemas indecorosos de fazer politica!

Pois se a dissolução da camara municipal de Lagôa foi uma violencia do governador civil, porque não havemos de diz-lo abertamente, sem a menor relutancia, sem o menor reboço?

Se ha quem achincalhe os principios que nos regem, se ha quem por mero capricho ou refinada estupidez venha calcar aos pés as leis do Estado, porque não havemos de combater energicamente esses maus homens, essas perigosas autoridades, esses falsos patriotas que não tem pejo de, com o descredito dos seus atos, vir para o teatro da vida politica, a desacreditar o paiz e a bella reputação que felizmente podia nos gosar em todas as nações?

Pois se um ato é mau, nos revolta e nos prejudica, porque não havemos de ser francos, porque não havemos de dizer que o ato é mau, nos revolta e nos prejudica? Para que havemos de ser hipocritas? Que razões poderão obstar á que se não diga a verdade, o que se sente, o que se deve dizer?

Ha um doído, um alucinado, um incompetente, um imbecil que nos seus atos politicos e administrativos só faz disparates e inconveniencias, loucuras e desmandos? Porque havemos de ser encobridores de tão perigosa e irrevolvente creatura? Porque não imporemos á nossa consciencia a eloquente obrigação, o estrito dever de desmascarar todos os seus erros, todas as suas farças todos os seus crimes?

Ha quem anavalhe perfidamente o legitimo socego, a fagueira tranquillidade das familias, roubando ás mulheres e aos filhos os braços que trabalhavam e que os sustentavam?

Para que havemos de levar tão longe a nossa hipocrisia, a ponto de criticar e amaldiçoar quaesquer atos, sem dizer altivamente quem são os homens que os praticaram?

Combatem-se as arbitrariedades que determinaram as sequestrações politicas de Portimão? Acham-se rijamente arbitrarías essas prisões? Porque não havemos de ter independência bastante para anatematizar quem as ordenou, quem as consentiu? Pois não seria do governador civil a força que representou o arbitrio?

Não ha um governador civil autoritario, desposta, sem criterio, sem educação moral nem politica, um desastrado arlequin todo de vaidades e caprichos, que não mede o alcance do desprezo que lhe cospem á cara e o abandono em que o sepultaram as suas imprudencias e devaneios, as suas immoralidades e delitos? Quem nos obriga a manter silencio para esconder todas as suas monstruosidades?

Se todos estivessemos unidos, se toda a imprensa do Algarve cumprisse a elevada missão de vergastar os maus e render homenagem aos bons, nem haveria taes desonras nem tão revoltantes baixezas.

Se todos compreendessemos os nossos deveres de patriotas, se todos fossemos eguaes na recompensa do bem e na repulsão do crime, nem haveria essa triste degradação politica espalhada por todo o Algarve, nem teriamos á frente da nossa administração republicana um rude governador civil que nos atrioça, e nos quer entregar aos antigos ladrões e dissolutos da monarchia.

ECOS E CONSIDERAÇÕES

Presos politicos

O Algarve, muito preocupado com os presos politicos de Portimão, e talvez lhe sobejem razões, diz no seu ultimo numero:

«A Republica não é este proceder violento e barbaro de sequestrar ao convívio social quem contra a sociedade nunca delinuiu nem cometeu qualquer ato que a ofendesse!»

Se para o prestigio das novas instituições é preciso fazer este sacrificio da dignidade social, pois é contra a dignidade o praticar taes violencias, então que ninguém diga que a bandeira republicana significa o direito, a justiça, a igualdade e a fraternidade!

O Algarve terá muitas razões, nem pretendemos duvidar de que as tenha, mas em vez de se queixar abstratamente da Republica, não seria mais razoavel e mais acertado queixar-se das autoridades que ordenam e consentem essas violencias do direito?

Porque se não queixa do desastrado governador civil, que é, no principio e no fim de contas, sobre quem pesam as responsabilidades de tão grandes arbitrios?

Porque se não queixa d'essa nefasta creatura que só tem feito disparates e ilegalidades?

Não quer, não? Pois vá-lhe dando chá e doces.

Registo

Do Algarve:—«Chegou de Lisboa o sr. dr. João Pedro de Sousa, a quem os seus partidarios, com a filarmónica de Moncarapacho, contratada para esse fim, fizeram demonstração de boa vinda, na estação do caminho de ferre.»

Do Distrito de Faro:—«Regressou de Lisboa o sr. dr. João Pedro de Sousa, nosso presado colega do bi-semanario O Heraldo, sendo recebido pelos seus correligionarios com musica e entusiasticas aclamações.»

D'uma das janelas do Centro Republicano Democratico, o sr. dr. João Pedro de Sousa agradeceu, em breve mas caloroso discurso, a penhorante manifestação.»

Do Sul:—«Chegou a Faro o sr. dr. João Pedro de Sousa. S. Ex.ª era aguardado na Estação pelos socios do Centro Republicano Democratico e pela filarmónica de Moncarapacho.»

A sua chegada ouviram-se alguns vivas e uma grande multidão que estava cá fóra, no largo e na Ribeira, acompanhou s. ex.ª até junto do Centro, onde orou duma janela, agradecendo as manifestações que lhe faziam.»

Da Mocidade:—«Chegou a Faro no dia 14 o sr. dr. João Pedro de Sousa, nosso colega do Heraldo.»

O sr. dr. João Pedro de Sousa teve á chegada uma vibrante recepção e, no meio de musica e entusiasticas vivas á Republica, dirigiu-se ao Centro Republicano Democratico, onde, de uma das janelas, fez um breve discurso, em que manifestou a leal expressão do seu profundo reconhecimento.»

Da Alma Algarvia:—«Regressou de Lisboa o sr. dr. João Pedro de Sousa que á capital tinha ido acompanhar seu irmão dr. Candido de Sousa, infamemente envolvido no caso do 33.»

No seu regresso, o dr. João Pedro de Sousa teve em Faro uma estrondosa manifestação que deixou de cara á banda... os defensores do sr. Andrade.

Agradecemos aos nossos colegas as suas amaveis referencias, que ficam devidamente registadas.

A Canalha

O Sul diz que houve um jornalista que, falando aos seus partidarios, tratou de canalhas.

talvez. Mas é necessario distinguir; ha o povo, o grande Povo que trabalha, que é positivamente a maior força do paiz, esse povo a quem os falsarios, os hipocritas, os degenerados tiveram o desprante de classificar de canalha, sem se lembrarem de que hoje nada valem os pergaminhos e a impóstura balafo, e ha então os miseráveis, os se-vandijas, os raes falsarios, hipocritas e degenerados, a quem nos velhos tempos (e ás vezes ainda hoje!) os proletarios tiravam o chapéu e chamavam senhores! Os primeiros são canalhas na boca dos segundos, mas é a canalha no sentido de Povo, homens sem nobreza de pergaminhos; os segundos são canalhas na boca dos primeiros, e são eles os que constituem a verdadeira canalha, homens sem nobreza de sentimentos.

O Sul ter-nos-á entendido? Pois é assim mesmo.

Perfis

O Algarve começou agora a sementear de perfis. No seu ultimo numero impingiu aos seus leitores nada menos de nove madrigaes... em prosa.

Ena páe, tanta gente perfilada! Já parece um alistamento de qualquer misterioso batalhão de defensores do mestre paulino.

Num dos seus perfis, o Algarve saú-se com o extravagante gracejo de dizer que um tal querubim tem o rosto misto de leite e sangue.

Por experiencias feitas no nosso laboratório quimico, vimos que a mistura de sangue e leite, em partes eguaes, dá uma cor semelhante á do governador civil. Que nem pode ser outro o delicioso querubim!

N'outro perfil, diz que um certo anjo da guarda tem no rosto mais sangue do que leite.

As nossas experiencias acusaram-nos uma cor semelhante á do ludovico bu-jamé.

Deve ser ele. Matamos a charada.

Chefe do distrito

A Provincia do Algarve diz que o chefe do distrito, quando outro dia esteve na capital, recebeu cumprimentos de velhos republicanos do paiz e as mais calorosas felicitações pela attitude firme e energica mantida por ele na administração da provincia.

Mas, ó tu! Não te lembrarás de que estes processos já estão desacreditados? Quem foram esses republicanos? Cita os nomes.

Como se fosse possível!

Explicando

Pedem-nos a publicação da carta que segue:

Ex.º director do «Heraldo».—O director do Sul, em vez de retificar as aleivias que vomitou contra mim, achou que seria mais consentaneo aos seus habitos fradescos, de menino de côro em S. Fiel, a ratificação das mesmas aleivias: em vez de corrigir, confirmou, em vez de se mostrar um homem de bem, mostrou unica e simplesmente que é um verdadeiro e refinadissimo jesuita.

Ao caso, ainda acrescentou que em lhe declarei não ser afonista. Pois mentiu. Nunca lhe disse tal coisa. O que eu lhe disse é que fui sempre um patriota, que me sacrifiquei pela implantação da Republica para esconraçar do paiz os que eram eguaes a ele; o que eu lhe disse é que em paga dos meus sacrificios, levados ao extremo (e o Sul não o pôde negar) vive até hoje unicamente o desprezo dos poderes publicos, que tanto me devem. E por degradante contraste, ele e outros do seu estofa, andam por ahí, cheios de grandezas, á custa do Povo, e a trair o mesmo povo!

Muito lhe agradeço a publicação destas duas linhas o que é

José Domingos Lopes.

A Política e a Verdade

Palavras do ex-ministro da justiça sr. dr. Antonio Macieira:

«Tenho visto ultimamente que esses legitimos assomos populares que são a propria gloria da Republica pela demonstração de que está enraizada na consciencia nacional, que esses esforços do povo na defeza da filha querida que nasceu em sangue, derramado numa ancia de libertação para vida nova e progressiva, que essas rajadas de patriotismo que igualam os melhores e mais fortes feitos da nossa historia, afirmando a existencia de uma nacionalidade, essa bravura, tenho visto que tem sido apelidada de «demagogia.» Tomou agora nome de demagogia essa massa popular a quem os melhores o mais acendrados propagandistas do Partido Republicano inflamavam com ardentes e esperançosas palavras. Foi então a demagogia que fez a defeza e guarda á vida dos paladinos da ideia nova; foi ela quem sonhou a Republica e lhe forneceu os melhores corações e os mais decididos braços para a implantar; foi ela quem cuspiu a monarchia dos paços que não merecia nem honrara, metralhando-a com pontaria certa de vencedor; foi ela quem guardou os bancos e as casas dos ricos; foi ela quem perdoou muitos erros e esqueceu muitas faltas; foi ela quem guindou ás mais altas culminancias os homens da Republica; foi ela quem defendeu essa mesma Republica, que gerou; e foi ela, sim, essa massa, que ora recebe o nome de demagogia como suprema injuria á audacia, ao valor, á dignidade civica, á esperança no futuro de uma Patria redimida por uma revolução generosa que impressionou a politica mundial.»

«Na mais conciente deturpação da verdade historica já se tem ouvido lembrar a epoca do Terror, recordar o tribunal revolucionario de Robespierre, como analogia ao que se tem passado entre nós. A audacia d'esses criticos embaladores da talassaria desarmada, só corre parilhas com a paciencia com que se ouvem aqueles de cuja generosidade se abusa. Adotou-se entre nós o termo demagogia para deprimir os que amam a Republica para a não quererem ver adulterada. O povo protesta vendo falseada a Republica? E' a demagogia que ruga as suas coleras truculentas! O agrupamento partidario que mais se impõe no parlamento pelo seu numero, pelas suas obras e pelas suas ideias de governo faz quadrado em defeza do que supõe, com o auxilio da opinião publica, ser o desejo da soberania nacional? E' a demagogia parlamentar reflexo da colera da demagogia da rua! A imprensa republicana espelha as opiniões do povo, pede o castigo dos que o querem trair, revolta-se contra uma politica de compadrio? E' a demagogia jornalística que faz correr da pena a ira da massa anonima, enaltecendo-lhe os desmandos e estimulando-lhe as furias!»

«Se a demagogia é povo e outro não pode ser o significado, tal como o termo é empregado, o Partido Republicano para esses criticos está enlão na demagogia, dando-se o curioso paradoxo desta demagogia assentar todas as suas ideias e todas as suas obras no lema: «educação, trabalho, ordem e progresso!»

«Mas para que tanta recriminação? Porque não deixam diluir-se o que por si mesmo se aniquila? Que receios são esses de que cresça e prepondere uma demagogia desenfreada quando a historia sempre a condenou e pulverizou? São os naturais receios de afrontar a verdade de olhos abertos. Por toda a parte do paiz se nota a efervescencia com que os homens se agrupam em volta do Partido Republicano. Porquê? Porque ele representa a politica feita de desinteresse, patriotica, que não solicita partidarios, nem promete situações. Um partido politico não se organisa seriamente para fazer de

Avença

uma patria propriedade sua, onde se des- tribuem quartos para pernoitar. Esse era a grande mal dos partidos descaídos que afundaram a monarchia.»

«Basta-nos o peso do numero e da jus- tamente vaidosa abnegação; basta-nos a força de opinião publica que fiscaliza, vê e percebe para seguir e apoiar quem tem razão. Em todas as situações politi- cas, os democratas, integrados no partido republicano, teem mostrado que nunca levantaram como nunca levantarão quaes- quer situações difíceis á Republica. Essa carolice republicana e que aparentemente os prejudica como agrupamento politi- co, porque parece coloca-los em situação inferior de servir clientelas, é que lhes garante o auxilio da opinião publica, dan- do-lhes uma força que é vigorosa e soli- da, o que nos não sequases do partido republicano é simplesmente transitorio e ficticio. Grande ou pequeno o nosso parti- do, pouco importa, ele seguirá sempre a antiga orientação que trouxe á implanta- ção da Republica, e deseja a sua consoli- dação. Quem quiser agrupar-se em volta da nossa bandeira encontra a porta fran- ca e a recepção carinhosa. Simplesmente precisa de não se lembrar da monarchia e dos seus processos, trazendo uma fol- ha corrida insuspeita.»

«Os monarchicos confessos, que aceitam uma monarchia de barrete frigio, os am- biciosos desmedidos que medem cada passo por cada ambição, os tolos irrepara- veis que teem a inconsciencia por base de suas ações, esses que batam a porta que os sirva e a recepção que os acaricie, não á nossa, que se não abre.»

CARTA DE LISBOA

PEDRAS DO CAMINHO

Uma tarde que nos deliciava o espiri- to. Nem calor nem frio. O sol, a co- brir-se de nuvens, desperdiçava para outros lados o seu calor asfixiante e a nós, miseros mortaes d'este pequeno paraizo de lindos outonos, deixava-nos gosar a amenidade, enebriante das fa- mosas tardes do sub-ceu portuguez.

Já caçado do bulício fatigante de Lisboa, quiz espriar os olhos e o es- piritu na largueza de novos horizontes, á beira mar, e então, lá fui em busca do semi-direto que ás 16 horas e 15 minutos partia do Sodré para Cascaes.

Oeiras, 2.ª classe—220 reis. A hora da tabela, o chefe da estação deu o si- nal de partida, a maquina silvou, entre constipada e rouca, e logo as progres- sivas carroagens se moveram, impelidas á sua faina, que principiava de man- ã e terminava á noite, e foram cole- ando nos rails, desde a mansidão á correria veloz, até Paço de Arcos, até Santo Amaro, até Oeiras.

E o comboio seguiu e eu fiquei. De- pois, corri para uma vagonete que, em doze ou quinze minutos me devia con- duzir ao forte de S. Julião da Barra.

A historia dessa fortaleza amedron- tava-me. A tradição contava a seu res- peito as coisas mais horribes e edifi- cantes. Ai, tudo n'outro tempo eram crimes e criminosos, horrores, vilezas e miseraveis.

Deparei com esse amontoado secular de granito, escondido lá em baixo, no seu aspecto monstruoso e terrorista, na apparencia de frio sepulcro de vivos, e logo me senti dominado do terror, que noutras eras inundaram essas moles gi- gantescas de pedra, em cujo seio imper- ravam a escuridão e as lagrimas, o des- sassoço e a morte.

La para entrar, não vi a sentinela. Mas entrei. E aquela atmosfera em que, sonhava tantas oppresses, varreu-me do espirito a desconfiança e o terror.

A dez ou vinte passos da entrada, vi-me n'um cerco de peças, carregadas de velhice, de ferruge e de desprezo. Depois uma ligeira ponte, umas escadas de poucos degraus, um tunel de meia duzia de metros. E tudo avresei, ninguém me dificultava os passos. Apenas um vago receio, adquirido pelas recordações dos velhos supplicios e nada mais!

Lá dentro, um amontoado de casas, umas ordinarias, outras melhores, ali- nhadas em ruas ou formando largos. Passava junto de mim um grupo de tres mulheres deliciosas, aparentemen- te solteiras, a sorrir, com doidos sorrisos de misterio e de prazer. Ouvia-se mais adeante os acordos maviosos dum piano tocado por mãos insufladas de sentimento. Ali perto, um rancho de creanças bonitas e alegres, aos saltos, em brinquedos e gargalhadas. Aqui, um soldado, ali um sargento ou um official, e todos em liberdade, com aspeto admi- ravel. E no entanto alguns eram pres- os.

Vi um estabelecimento comercial, uma casa de correio e telegrafo, e um posto semaforico.

Enfim, muita comodidade, muita gen- te, muita alegria: um povoado, uma aldeia á beira mar.

Subi ás muralhas. Para todos os la- dos, um horizonte largo e uma vista agradável, que me prendia os sentidos. Só tive pena de ver, junto da estrada que vinha dar ao forte, uma cruz alça- da que ali existe para testemunhar aos vindouros um crime que a vileza do passado havia cometido.

Era o tumulo do general Gomes Freire, que mais abaixo fora condemnado á morte e que durante largos tempos estivera encarcerado na torre do forte, que se levantava altaeira a dentro das muralhas.

Passava no mar, ao lado do Bugio, um vapor meio colosso, que por ser quasi noite corria apressado, para chegar a Lisboa á hora do desembarque. Era branco e chamava-se *Thalia*, sem alusão talvez a uma das trez graças, a uma das nove musas da mitologia. Trans- portava uma grande quantidade de passageiros, alemães que com chapéus e lenços acenavam para o forte. E eu correspondia-lhes.

Mas tinha que ver alguma coisa mais. Deixando as muralhas, onde peças inu- tilizadas impunham terror a quem as desconhecesse, fui ver os condemnados a deportação militar. Alguns eram rapazes de boa apparencia, outros, uns miseraveis. Todos estavam condemnados, todos tinham que partir para o exilio. E todos seriam criminosos?

No pavimento da calçada, havia umas fauces abertas, gradeadas, por onde as entranhas do solo, famintas, espreita- vam a humanidade. E era por ali que nos tempos do terror, quando os ho- mens se tratavam como feras, saiam os queixumes tristes e doloridos dos cidadãos que os tribunales, os algozes e os costumes sequestravam ás suas fami- lias e ao convívio da sociedade.

Desci até lá, por umas escadarias que se franqueavam a toda a gente. Ao fundo das escadas, já num lugar, onde os passos eram indecisos e mal se res- pirava, encontrei uns corredores em cujas paredes lateraes ainda hoje havia portas de mas norras. Espreitei por algu- mas d'essas portas. Não avancí para dentro, porque tive receio de que a ter- ra e a escuridão, com fome de tantos anos, me devorassem. Eram as antigas prisões, que não tinham ar nem luz, e onde em compensação haveria humi- dade e vermes. Algumas ainda tinham lá em cima uns pequenos respiradores por onde entravam claridades esbatidas.

Nessas havia monturos infetos, talvez reliquias dos miseraveis que ali foram enterrados. Nas outras, de cuja existén- cia se conhecia porque existiam as por- tas, nem eu sei o que poderia haver, mas desconfio que eram talvez imun- dicias de mistura com os ossos dos pri- sioneiros que ali morreram abandonados.

Voltei para cima, que já me sentia mal nessas antigas sepulturas de vivos. Respirei de novo o ar iodado da beira mar. Subi outra vez ás muralhas, para gosar ás tonalidades do crepusculo. Olhei saudoso para todos os horizontes, disse *adeus* á praia, cujas aguas se vi- nhem espreguicar nas areias, e pouco depois, já de longe, dizia *adeus* ao forte. E regressé a Lisboa.

Sertoriano.

FILOSOFIA PRÁTICA

PENSAMENTOS

O amor, no seu estado social, talvez nada mais tenha de razoavel do que a sua loucura caracteristica.

Rivarol.

A mulher é o maior flagelo existen- te.

Schrupp.

A vida ativa é o mais poderoso es- cudo da vida.

Touterelle.

O maior mal da terra é a inveja.

Ulender.

Não ha néscio que não seja amigo de pompas e riquezas.

Padre Antonio Vieira.

O egoismo é uma doença de carater epidemico e resultante da luta pela vi- da.

Wauthener.

A lealdade e o valor são as armas mais precisas a um soldado.

Xenofonte.

Um enterro com muita pompa e ri- queza é um ultrage irrisorio em que o morto transformado em idolo desperta a cubija dos vivos.

Xyosine.

O trabalho intelectual é o mais mal remunerado.

Zola.

MAIS ECOS E CONSIDERAÇÕES

Reconsiderando

Tinhamos resolvido não ligar a me- nor importancia ás infantilidades do Sul. Mas, reconsiderando, chegamos á conclusão de que é uma obra de mise- ricordia *torcer os pepinos enquanto são pequeninos* e por tal motivo eduquemos esta creança a ver se conseguimos re- primir os seus costumes de sacristia e de taberna.

Finura politica

As verdades amargas trazidas a lu- me neste jornal sob a designação de *Finura politica*, foram pontas de fogo applicadas na pele dos *baloucionistas*. E como a retorica nem sempre tem força para tapar os olhos áqueles que veem a verdade, eles, os *baloucionistas* de Faro, apenas se limitam a choramingar jesuiticamente, dizendo que *a de- gradação dos nossos costumes é de tal ordem, que se zomba dos que teem ca- rater e dignidade!!!!*

Puseram-se mais tres admirações por nossa conta para reforçar a chorin- quice dos homenzinhos.

E acrescentamos: Em relação á di- gnidade pessoal do sr. Antonio José de Almeida, só um despeitado a porá em duvida. Neste sentido respeitamos a sua grandeza. Mas no artigo *Finura politica* somente foi censurado o velho republicano que, feita a Republica, tem comprometido altamente a sua obra de propaganda no tempo da monarchia, faltando sempre á sua palavra de revo- lucionario.

Foi o que se quiz dizer e é o que se diz. E pouco faz ao caso que os *balou- cionistas* gotejem lagrimas e murmurem cantochões.

Mexericos

O *Algarve*, com desejos de mexer-icar, deixou espiche, por sua conta e risco, annunciando que a *cedencia do coreto municipal* á filarmónica de Mon- carapacho, no dia em que veio de Lis- boa o sr. dr. João Pedro de Sousa, obedeceu *unica e exclusivamente* ao proposito de se proporcionar alguns momentos de distração ao publico que frequenta o jardim.

E faz o reparo *no intuito de se não darem falsas interpretações*.

Pobres diabos! Quem pediu aos se- nhores do *Algarve* tão irrisorias e des- conchavadas explicações?

De que a filarmónica tocou em hon- ra do sr. João Pedro de Sousa ninguém o duvida, porque foi para isso que os seus amigos a contrataram. A que titu- lo vieram então ás explicações do *Al- garve*? Para salvaguardar as tenden- cias politicas dos vereadores? Mas quem ás póz em duvida? Pois não sa- bemos que na comissão municipal administrativa só ha evolucionistas e talassas? Bem sabemos que não ha de- mocraticos. E algum por ventura os fi- caria assim considerando, mesmo na hi- potese de terem cedido o coreto para que a filarmónica tocasse em honra do sr. dr. João Pedro de Sousa?

A cedencia obedeceu unica e exclusi- vamente ao proposito de se propor- cionarem alguns momentos de distração aos frequentadores do jardim... apre- gão invejosamente O *Algarve*.

Duvidamos de que os vereadores fi- zessem sobre este caso o mais ligeiro reparo, pois temos a plena certeza de que a *cedencia do coreto* nunca para eles nem para outros andou ligada a intuitos ou caprichos politicos, mas O *Algarve*, no seu velho habito de mexer-icar... hade ser sempre o mesmo *Algarve*!

Liquidando

—Adeus, Alice. Onde vaes?
—Vou á liquidação. Quero ver se consigo por quatro patacos a mobilia dos coios.

—Quaes coios?
—Os *baloucionistas*, que puzeram emleilão os tarcos lá da casa.

CONVERSANDO.

Toda a gente, neste mundo, por mais completa que seja, ou que se queira fazer, por maior que seja tam- bem o seu grau de educação civica, tem um demonio de um *pecadilho*, que não ha meio de se ver livre d'ele por mais esforços que faça para o conseguir.

E' um monstrosinho bem fornido que nos espicaça, quer de dia quer de noite, *quer de verão quer de inverno, don don.*

E' a D. Curiosidade. Esta senhora é a causa de grandes intrigas, desavenças, questiunculias e bernardas, obrigadas muitas vezes a pancadaria bravissima.

Tenho jurado não ligar nenhuma a esta inconvenientissima estouvada; mas ela faz-me tacs gaifonas, desenvolve tanta astucia, teima com tal meiguice...

que muito embora eu não queira, vou sempre no *embrulho*.

Hontem, no café do Ignacio Branco, tão branco, que por sinal se não con- funde com o *bujamé*, enquanto meia duzia de *patos*, compravam ao tio Ca- vaco fixas para a santa batotinha auto- matica, batotinha *inofensiva*, que o sr. commissario de policia tão *escrupuloso* em questões de jogos de azar, não sei por que razão a permite—*altos miste- rios*—observei uma conversa entre o conhecido Espargo Murcho e o Anto- nio das Teclas, que passo a contar:

—Pois é isto que te digo, meu caro Espargo Murcho. O Machado é o *tra- tante* maior que tenho conhecido até hoje.

—E' verdade! Mas juro á fé de Anto- nio das Teclas, que as ha-de pagar com lingua de palmo. Já meti o meu braço até onde pude, para o inutilizar. E co- mo vês, já está suspenso, precisamente na altura em que as execuções dão bons lucros.

O resto... a seu tempo.

—Sim, sim, menino! Mas... eu te- nho medo... Ele não tem papas na lingua e dá cabo de nós. Palavra... que tenho medo!...

—O' Espargo Murcho!... Tu és homem, ou quê?

Não sejas tonto. Então os palões que eu tenho largado na Havana não valem de nada?

—Mas como é que tu arranjas essa cantiga para eles te acreditarem!?

—Muito simplesmente. Finjo-me de vitima, dando á voz uma inflexão suave e doce; bandeio-me todo, o que influe bastante no animo dos *habitués*, e acaba por dizer que tud é falso.

—Acho tão pouco!...

—Parece que ignoras que todos lêem pela mesma cartilha que nós le- mos.

—O diabo é aquele maldito dizer por toda a parte que a gente costuma meter *borboletas* no santuario angustô do nosso secretario, com fins... fins...

—Que chegam ao fim preciso. Mas que tem isso?

—O que tem? Tem apenas uma sindicancia do tamanho da legua da Póvoa que empenheira com a gente para casa do diabo.

—Diz-se que é mentira.

—Do que vale mentir! A verdade brilha sempre através de tudo e o diabo é torto. Vês o que tu ganhaste com a tua tolice? Entalaste-nos a todos. E ainda agora a procição vac na praça. Eu nem me quero lembrar.

Quando passar em frente da Hava- neza o andar das ofertas, o crucifixo da contribuição industrial, cravejado a gorjetas, *safiras* e charutos dos de marca X. P. T. O. *topazios*, o triste sudario dos *cruçados* nas passagens de predios, o palio dos processos de habilitação para pagamento da contribuição por titulo gratuito, oneroso ou direitos de mercê, pintado com o sangue dos desventurados contribuintes, acaba-se o mundo.

—Ora adeus. Entre mortos e feridos algum ha-de escapar.

—Pois sim. Fia-te na virgem e não corras verás o trambolhão que levas. Se ele até já diz por ahí que no caso de não vir por estes dias a sindicancia á repartição de Finanças vac man- dar todos os dias um telegrama ao mi- nistro, pedindo-a, enviando ao mesmo tempo copia para todos os jornaes da capital.

—Nesses casos... *pa... pagão!*...

—Pena verde!...

—Nesta altura puz-me ao fresco com receio de que eles me descortinas- sem occulto pela columna central do café do Ignacio e que me apalpassem as costas segundo o que eles prometem a to- dos os democraticos, sem coragem para o fazer. Valentes como Sansão de- pois de morto!...

Velino.

DIA HISTORICO

25 de setembro

1472—Afonso V concede o titulo de condes de Arganil aos bispos de Coimbra.

1534—Morte do papa Clemente VII.

1744—Nasce Frederico Guilherme II, da Prussia.

1810—Combate de Rula.

1910—Os corticeiros portuguezes de- clararam a greve geral.

26 de setembro

1513—Descobrimto do mar Paci- fico por Vasco Nunes do Balboa.

1812—Primeiros assaltos do castelo de Burgos.

1815—Tratados da Santa Aliança.

27 de setembro

1338—Deфеza do segundo cerco de Dio.

1540—Paulo III aprova a constituição da companhia de Jesus.

1810—Batalha do Bussaco.

1910—Comemoração solene do pri- meiro centenario da Batalha do Bussaco.

Cartas da Serra

IV

A RIBEIRA DE BOM-URZE—REBENTOS, RE- NOVOS E TAPETES DE VERDURA — O «RASMALHO» — TENEROSO ASPETO DA CHARNECA ALENTEJANA — MATURAÇÃO Á VISTA: ASPETOS DESLUMBRANTES E VARIADOS—UM COSMORAMA ESPLEN- DIDO—OS ZIGUE-ZAGUES DA ESTRADA E OS SEUS AMPLISSIMOS «SINUS» — SOBREIRAS, PINHEIROS E ALFARROBEI- RAS, TIPOS PREDOMINANTES DA FLORA REGIONAL—A MURALHA CICLÓPICA DAS ROCHAS — O «RAMAL», AS «CALDAS» E OS EUCALIPTOS E PLATANOS DA ESTRADA — A PONTE, O «LAGEDO» E O «MIRANTE» — PEDRAS IRREGULARES E ESCADARIAS MONUMENTAES — HORIZONTE VASTISSIMO, AR LAVADO E TRANQUILI- DADE—AS ONDAÇÕES DE UM GRANDE MAR... PETRIFICADO — MONTANHAS AZUES TOUCADAS DE VERDURA — SOB- REIRAS QUE SE ESPERGUICAM E PIN- HAES QUE SE ESTENDEM EM MAGES- TOSA COLUNATA — UM LINDO «VELA- RIUM» VERDE — GRANADAS E «BUSES» — UM TIROTEIO DOIDO EM PLENA SERRA — A FOLHAGEM RENDILHADA DAS ACA- CIAS, OS SEUS CACHOS DE BAGOS DE OIRO E AS PROEZAS DOS ZÉFIROS — O GRANDE POVO FRATERNAL DAS ARVORES — O QUE ELAS ENSEINAM AOS HOMENS — UM EXERCITO DE PAZ E DE TRABA- LHO — HARMONIAS BARBARAS E AGUAS CANTANTES — EM PLENO «SABAT» — ES- QUELETOS, SATAN E MUSICOS INFERNAES — DEVAÑEOS E CONSIDERAÇÕES FILO- SOFO-FANTASTICAS E ETC., ETC.

A estrada, transcurso e plains que se alarga em vargens amplissimas banhadas pela ribeira de *Boina*, em grande parte orlada de uma vegetação tenra, em que se adivinha toda a lenta elaboração da Natureza, traduzindo se nos rebentos e renovos das arvores, no crescer opulento do rosm-minhal saudoso, no verde bronzeado e humido das estevas e na fina florescencia lilaz da urze, irrompendo por entre tapetes de relva, torna-se agreste, selvatica, logo acima do sitio denominado *Rasmalho*.

Por vezes o aspeto desolador da char- neca alentejana surge a nossos olhos, impregnando-nos, absorvendo-nos com a sua tristeza desoladora e avassalan- te.

Mas é apenas um realce, um cenário tenebroso ali disposto só para intensifi- car a visão deslumbrante dos aspetos que, logo apoz algum tempo calcuriada a estrada, nos estão reservados como deliciosa surpresa.

E' todo um variabilissimo e esplen- dido cosmorama que vem impressionar os nossos olhos mortaes.

São mil aspetos varios que surgem ante a nossa vista.

A estrada, cortada entre rochas abru- tas, segue n'uns interminaveis zigue- zagues em cujos *sinus* amplissimos, se desdobram mutuações e visualidades de uma infundavel variante.

E assim vai, através da serra, de um lado orlada de sobreiras, pinheiros e alfarrobeiras — tipos predominantes da flora regional, — do outro limitada pela muralha ciclópica das rochas talhadas a pique, amplo listelo aberto á dinami- te no dorso das montanhas coroadas de vegetação...

Assim até ao *Ramal*, onde se bifurca para as *Caldas*, estancia pitoresca, cri- minosamente abandonada pelos gover- nos ao desleixo de um concessionario inepto, e para Monchique — a Cintra do *Algarve*, — seguindo através do *lagedo*, cujo declive domina com a sua ponte de um só arco.

A seguir, junto do *Chalet Cochado* e da escadaria rustica que dá acesso á remançosa e pequena esplanada dos *tanques*, iniciam o seu dominio de sua- vidade e frescura os eucaliptos e platanos que n'aquella parte da estrada en- sombram a casaria rustica da gente humilde que por ali vive.

O *mirante* fica mais áquim, domi- nando o *lagedo*. Ergue-se altivo, sobre um cômodo, mais elevado do que todas as alturas proximas, dominando-as com a descon- junta parede de pedras irregulares e policromas, em cujos intersticios cres- cem arbustos silvestres.

De um lado seryem-lhe de base ro- chas enormes, revestidas de musgo e cobertas pelo variagado tapete das fol- has secas que o outono estende sobre a terra, formando como que uma esca- daria monumental por onde só Cicló- pes poderia trepar á altura do *mirante*.

Do outro, uma vereda corre suave, sob arvoredo calmo, repleto de som- bras e frescura.

Em cima, o *mirante* tem a fórma mal esboçada de uma enorme ferradu- ra abrindo para o lado da vereda da mata.

Sitio propicio a meditações e deva- ñeos, é vastissimo o horizonte que d'ali se descortina, abrangendo uma mul-

triplicidade de aspetos que deslumbra. Ao longe, montes azulados pela distancia, ondulam, lembrando as vagas de um vasto mar petrificado sob a influencia poderosa de algum estranho deus.

Depois é o perfil mais distinto das montanhas proximas, de serros toucados de verdura, cheios de tranquilidade e silencio de onde as sobreiras com os seus troncos contorcidos parecem espreguiçar-se voluptuosas sob as doçuras de um azul esplendido em que rutila um sol de ouro.

Mais além é um pinhal que estende a sua magestosa colonata fina, elegantissima sob o grande velarium verde, formado pela junção da sua folhagem acerosa, aqui e além mosqueada pelas pinhas, lembrando mil granadas e obuzes, cravados n'um alvo verde, após o tiroiteio doído em plena serra.

Bem perto da estrada do mirante, junto das grandes pedras azuladas, que lembram enormes tartarugas dormitando ao sol, irrompem magestosas e elegantes as acacias de folhagem rendilhada e finissima, perfumando o ar com a sua florescencia de um aroma subtil e devaneador, contido em cachos de bagos de ouro que Zéfirus invisíveis e irrequietos se entretêm a pulverisar, transformando-os em finos tapetes desdobrados em volta dos troncos belos e lizos.

Longe, muito longe, lá ao fim da garganta formada pelo illusorio encontro das vertentes da montanha, o horizonte dilata-se, indefinido e vago, a terminar por uma bruma azulada onde tudo se confunde e apaga qual contorno delineado pelo fumo tenue quando ascende no ar sereno e limpo das manhãs da serra.

São aspetos dignos de ser vistos e sentidos e que só suggestionam idéas de paz e de repouso.

Não ha povo mais fraternal do que as arvores, repartindo mutuamente as suas sombras, os seus frutos e os seus perfumes.

Estendendo umas para as outras os seus troncos irregulares e caprichosos, em abraços de uma cordialidade de irmãs, elas parecem ensinar aos homens as boas regras de uma vida nova, baseada no respeito mutuo e na absoluta independencia individual, só limitada pelas circunstancias mais ou menos adversas do meio.

Linda, sedutora, impressionante, essa bela falange das arvores, marchando em larga columna pela montanha, qual exercito de paz e de trabalho incumbido de dispersar sobre o terreno improdutivo a abundancia, a sombra e o perfume!

Dos regos fundos, entre os vales umbrosos, sobem rumores vagos, cristallinos, harmonias barbaras, cantadas pelos veios de agua, que serpenteiam por entre tufos de vegetação e que reluzem ao sol, palhetados de laminas de prata e á sombra, nas horas calmas da manhã, parecem farrapos do seim azul do ceo, dispersos entre a vegetação tenra e mimosa que por ali nasce, sobre os nateiros ferteis, sobre a terra hmida, cheia de humos e de vida.

Seria insensatez tentar descrever a multiplicidade de aspetos que qualquer rincão da terra assume sob a influencia variante da luz solar.

Todos esses aspetos se transformam, se transfundem e atingem toda a sua sublimidade tragica depois que o sol extingue o seu braseiro esplendido, de carmin e ouro, por detraz do dorso gigantesco das montanhas.

A paisagem, toda envolta em sombras, destaca-se em grandes manchas que pouco e pouco se confundem n'uma grande massa de trevas em que se diuem arvores, terra e pedras.

O ceo distingue-se do sólo, contornando-o com a sua gaze marchetada de estreias.

Então, n'essas horas de misterio e de tristeza, é que o mirante assume, quanto a mim, toda a grandiosidade da sua situação privilegiada, destacando o seu vulto aggressivo de escultura rude na claridade do ceo.

É todo um cenario de Sabat que surge a nossos olhos maravilhosos ao contemplar aquele rincão áquelas horas silentes, repletas de tristeza e misterio.

Ali, a meio do mirante, bem podia erguer-se o improvisado trono de Satan; á sua frente, na abertura, bem podiam vir sentar-se musicos infernaes, tangendo instrumentos macabros, á luz vacillante de brandões funereos, empunhados por esqueletos grotescos, e os mortos, — toda a imensa legião constituida pelos extintos que por aqui tem passado —, bem podiam vir, n'uma sarabanda fantastica dançar suas fardolas redopiantes em volta do sublime genio do Mal!..

Podiam dançar... dançar muito, dançar até que o pesado manto das trevas começasse a ser esfartapado pelos jatos luminosos do sol nascente. Depois, quando uma vaga penumbra

pairasse sobre a serra, aclarando gradualmente todo o vasto e imponentissimo cenario da Natureza adormecida, bem podiam todos esses espectros fantasticos, ideados por um espirito doentio, deslizar rapidos, quaes aves de rapina, sobre os abismos escancarados, abertos pelos vales no escuro bojo das montanhas...

E assim, feitos fumo e devaneio, evolar-se-iam como o subtilismo perfume das estevas e do rosmanhinho, ao primeiro dardejar dos raios do sol triunfante!..

Lisandro.

ALCOOLISMO

Alcoolismo é toda a serie de doenças produzidas pelo abuso prolongado das bebidas alcoolicas, (aguardente, absinto e licores, etc.) ou das bebidas fermentadas, e ainda pelo uso constante, embora não exagerado, d'essas bebidas.

Não confundir o alcoolismo propriamente dito com a embriaguez, porque esta póde ser um simples accidente, sem deixar no organismo graves vestigios da sua passagem, e aquele é uma consequencia, um efeito, que o alcool foi lentamente preparando, e que, a maior parte das vezes, não tem cura.

Felizes aqueles que pensam nos terribes efeitos do alcool ou do abuso do vinho e se regeneram.

Eu cairia fatalmente n'esse abismo, se a minha intelligencia estivesse completamente embotada, mas não, não ha vicio que resista á vontade do homem.

Assim, devemos considerar duas especies de alcoolismo: — o alcoolismo agudo ou embriaguez, intoxicação passageira, e que só oferece gravidade quando se repete; e o alcoolismo chronico ou alcoolismo propriamente dito, intoxicação lenta, traçoira, que só se manifesta depois de atingir um certo grau de desenvolvimento, consoante á resistencia do individuo, a natureza do alcool e as doses ingeridas.

O appeto do alcoolico acusa as maiores desordens organicas: — a fisionomia adquiriu um cunho de imbecilidade; as mãos tremem lhe, o andar torna-se indeciso, o passo arrastado; as forças diminuem; não se póde erguer do leito, senão a altas horas do dia; a vontade do trabalho desaparece á medida que a intelligencia se embotada, tem sempre a boca seca; a deglutição dos alimentos solidos opera-se a custo; o appeto desaparece; o figado, os rins, o coração, o estomago, a espinal-medula, transformam-se, aruinam-se.

Esta terrivel decadencia do organismo conduz ao delirio, á epilepsia, á alucinação mental, ao suicidio e em qualquer d'estes precipicios encontra o alcoolico o fim da sua triste existencia.

Depois, o alcoolismo chronico é um mal tão infinitamente grande, quanto é certo que ele não só degrada e perde o individuo que o contrae, mas tambem lhe atinge e fere os descendentes, de um modo pavoroso; os filhos dos alcoolicos quando não morrem no decurso da primeira infancia, nas mais angustiosas convulsões, são sempre individuos degenerados.

A abstenção do alcool impõe-se como uma necessidade imperiosa.

Os higienistas acham-se convencidos de que só a instrução, com o facto neficiador da sua luz radiante, poderá fazer entrar o homem na justa comprehensão dos seus atos, e, pela elevação do seu nivel moral, ensinar-lhe a defender a vida, respeitando a saude.

Faro, XXII-IX XII.

José Martins da Cunha.

Noticias de instrução

Foi superiormente aprovado que qualquer professor nomeado durante as ferias para as escolas primarias possa tomar posse das mesmas no principio do proximo ano letivo.

— Na escola oficial femenina de S. Sebastião de Loulé, foi creado um 2.º lugar de professor.

— Foi reintegrada no magisterio primario a professora diplomada D. Rosalinda Rodrigues de Passos.

— Os livros de ensino primario no proximo ano letivo são os até hoje adoptados.

— Os professores diplomados que quiserem servir interinamente em qualquer escola, devem fazer uma declaração em papel comum, na qual, dizendo nome, naturalidade, residencia, valores e escola por onde foram habilitados, indiquem quaes os circulos onde queiram servir.

— Subiram ás estancias superiores as folhas de ordenados dos professores primarios deste circulo, afim de obterem o visto para pagamento.

— Está para breve, segundo nos informam, a creação de uma escola Central masculina na sede do concelho de Olhão.

POR ESSE ALGARVE

Praia da Rocha

Continua animadissima esta apravel estancia.

Bailes, passeios, idilios succedem-se, quaes fitas animatograficas do mais esplendoroso efeito.

O salão concorridissimo.

Ninguém que se preze ousa faltar a estas reuniões requintadamente burguezas, onde a Petulancia, o Luxo e muitas vezes o Mau gosto parecem caminhar de mãos dadas á conquista de um ideal disparatado.

Mas... não envinagramos esta despretenciosa correspondencia com os azedumes caracteristicos do nosso pessimismo enragé.

Deixemos o foliar dodivanas e parrano d'esta população de emprestimo que todos os anos tem a gentileza de nos fazer a sua visita patusca e interessadeira, e tratemos de registrar nas hospitaleiras columnas do Heraldo, com a concissão de um receituário medico, as nossas impressões e este vago diz-se com o qual tanta gente solenemente embirra, mas que é — diga-se o que se disser, — a fonte inexaurível onde molham as suas penas rudes os desastrados plúmiferos talhados á faca, como este que tem a subida honra de vos escrever, á vós, á multidão respeitavel dos que gastam a vista e perdem o tempo na leitura dos periodicos.

Graças ao coscuvilismo da Imprensa — perdoae-me maes de Gutemberg! — já toda a gente sabe que esteve aqui o sr. Paulino de Andrade e por isso não gastarei tinta em occupar-me de s. ex. — a quem aliás não consegui ver, porque, indisposto n'esse dia, não saí do hotel, emquanto s. ex.ª faldiscou por estas paragens.

Isto, porém, não evitou que a meus onvidos chegassem certos zuns-zuns galantes de que s. ex.ª, transformado pela força das circunstancias em genuino Adonis dernier-cri, era o mais autentico dos heroes.

Segundo ouvi, apesar de ser relativamente pouco o tempo que por cá se demorou, s. ex.ª conseguiu inflamar a maioria dos corações femeninos que n'esta ridante estancia curam o seu nervosismo e curiem a nostalgica tristeza do seu infeliz talassismo.

Afinidades? Misterio!

Mas... deixemo-nos de referencias ao sr. governador civil. A mim proprio prometi não balir em politica na urdidura d'estas desataviadas correspondencias e como não desejo quebrar tão salutar compromisso, deixo o sr. Paulino em paz e ás muscas, com as suas lunetas de tartaruga, o seu fatinho alvadio e o seu ar marcial de soldadinho de chumbo vestido á paisana.

Deixai-o! Se conseguiu agradar ao madamismo futil e galeute d'estas paragens, melhor para ele; que lhe faça muito bom proveito!

A inesperada vinda de s. ex.ª lançou, é certo, uma vibrante nota politica n'este meio nem peixe nem carne que é, em seu conjunto a Praia da Rocha, mas como não sabemos nem a letra nem a musica do coro dos conspiradores de Madame Angot que, ao que nos dizem s. ex.ª aqui veio caotar, pomos ponto no assunto, deixando em paz o sr. Paulino, as suas lunetas de tartaruga, o seu fatinho alvadio e o seu ar marcial de soldadinho de chumbo vestido á paisana.

Procedemos assim, não só pelo exposto, mas especialmente porque um assunto bem mais interessante reclama a nossa atenção.

Nem mais nem menos do que Memé, Fanfan e Nini, galantissimas como sempre, andarem empenhadissimas em descobrir o autor d'estas mal ageitadas linhas, n'uma ancia, — dizem elas — de patentear-lhe expressiva e significativamente, toda a gratidão de que estão possuidas pela galanteria com que foram tratadas na última correspondencia.

Pois não foi galanteria.

Foi apenas justiça e imparcialidade. Memé, Fanfan e Nini, a continuarem n'este significativo crescendo de sentimetologia democratica, estão dentro em pouco mais, muito mais republicanas do que os srs. Afonso Costa, Brito Camacho e Antonio José de Almeida.

A' Nhónhó é que não consegui agradar com o meu arrazoado.

Paciencia!

Não se pode agradar a toda a gente. De resto eu apenas lhe chamei, a ela, á sonhadora Nhónhó, a mais gentil das taltassinhas que o sol cobre.

Faltei acaso á verdade? Não! Não! Fui verdadeiro como sempre e quem diz a verdade não merece castigo.

Santa Barbara de Nexe

Foram exonerados o regedor e comissão administrativa da freguezia de Santa Barbara de Nexe, de que faziam parte alguns republicanos inscritos e reconhecidos no directorio antes de 5 de Outubro de 1910.

Pois bem, mas... para mal da Republica, foram nomeados individuos suspeitos e reconhecidos reacionarios que biografamos: um levantou vivas ao Paiva Couceiro, quando pretendia entrar em Portugal; outro, chamado ao serviço de reserva, declarou que se o fizessem ir á fronteira, se poria ao lado de Couceiro. Isto provamo-lo com testemunhas. Outro, costuma beijar o chão onde ajoelha na egreja, e finalmente, com excepção de um que não tomou posse, trabalham todos no mesmo campo.

Era o que restava ao mestre Paulino Tacão, para acabar de fortalecer as fileiras do seu partido e para resolver a questão cultural do padre Sequeira. Segundo ouvimos, no domingo haverá missa a quatro vozes: maestro, Tacão; Baritono, João dos Carneiros; Baixos, Cabanas e Imparcial; faltando alguma voz, servirá a requinta, Impressões, cá do sitio.

Hoje, para solemnizar a posse da nova junta, locou o sino pelas 21 horas, ás almas, toque religioso que ha dois anos aqui não se ouvia, e de que a associação cultural tem prescindido. Mas foi o mestre Paulino que deu ordens, segundo nos disse o regedor que substituiu o exonerado Francisco Tacão Junior, que aqui não existe como o Heraldo já explicou.

Ao tocar o sino houve foguetes, coisas do Imparcial a que um dia falaremos á saida.

O povo, em numero de dezenas de pessoas que presenciaram o toque das almas, protestou com apostrofes e assobios.

CASA SINGER

Inaugurou-se no dia 23 esta importante casa de maquinas de costura, situada na rua das Lojas. O estabelecimento, que sem duvida é hoje dos primeiros de Faro, estava lindamente ornamentado e muito bem disposto. Admiramos, ao fundo, a bela obra de talha, feita pela casa Nobre; aos lados, as primorosas pinturas do conceituado artista José Filipe, e na frontaria, toda de marmore, os genias trabalhos do conhecido escultor José Paulino Fernandes.

No dia da inauguração, o estabelecimento foi extraordinariamente visitado, e o gerente da casa, nosso amigo sr. Albino Fernandes Pinto, incançavel propagandista das maquinas Singer, recebeu frequentes e justas felicitações pelos encantos da exposição.

Vimos a linda variedade de trabalhos ex-cutados nas maquinas, taes como bordados a matiz e a branco, e rendas inglezas, trabalhos de fino gosto.

As reparações e enfeites realizados nesta casa, e cujas despesas devem ter subido a 1.400\$000, constituem a melhor prova de quanto ela tem prosperado com a gerencia do honrado e zeloso gerente, que ha perto de 15 anos reside no distrito de Faro.

Visitamos o gabinete e os escritorios da casa, ficando-nos de tudo a mais bela impressão.

Agradecendo penhorados o honroso convite e as amabilidades com que nos distinguio o nosso amigo sr. Albino Fernandes Pinto, fazemos votos pelas intensas prosperidades da casa.

NOTICIARIO

Partiu para o Porto, acompanhado de sua esposa e filha, o sr. João Lopes do Rosario, com estabelecimento de ourivesaria em Faro.

— Acompanhado de sua irmã, partiu para Ourique o sr. José Pedro da Silva Pacheco.

— Partiu para Lisboa, acompanhado de seu filho, o sr. Ventura da Silva.

— Regressou de Lisboa com sua esposa e irmão o sr. José Carlos Ferro.

— A' partida do comboio n.º 964 de Vila Real de Santo Antonio, no dia dia 22, caiu sobre os engates da maquina o fogueiro Antonio José, que se achava em cima do tender da referida maquina, ficando com uns dedos da mão esquerda esmigalhados. Fez curativo em Villa Real de Santo Antonio e seguiu hontem para Lisboa.

Á CAMARA MUNICIPAL

Está a fazer-se na central rua do Pé da Cruz, um coletor de esgoto que, pela sua pouquissima profundidade, vae impedir o calcetamento da mesma, melhoramento reclamado ha muito pelos proprietarios da referida rua. Era de justiça que a mui illustre vereação municipal mandasse estudar bem tal assunto, sendo certo que, se o coletor não pode ser mais fundo porque o escoamento do solo o não permite, nem o coletor geral já feito o admite, se pode realmente proceder nos passios lateraes da rua á continuacão dos canos de esgoto, ali já em parte feitos conseguindo-se assim poder calçar o

centro de uma rua como aquela que hoje é das primeiras de Faro. Sendo o coletor que estão construindo, da largura e profundidade dos que em parte já estão feitos nos passeios, é de admirar que se abandone o prolongamento destes e se pretenda impedir o calcetamento da rua do Pé da Cruz, melhoramento utifissimo á cidade de Faro?

Para este assunto urgentissimo chamamos a atenção da Camara municipal.

CARTEIRA

Fazem anos:

A' manhã, quinta-feira — D. Maria Pereira dos Santos, D. Ana Xavier de Brito Teixeira Telo, D. Maria Eugenia de Abreu Brazili, D. Alda de Castro Gonçalves, D. Maria Soares Pereira, D. Adozinda Calorico Pacheco, João Augusto Caldeira Rebelo, Henrique Xavier Cavaco, João Maria Fazenda, Augusto Francisco de Almeida, Alberto Napoleão Gomes, Filipe de Sousa Duarte e a menina Natalia Juliana Rodrigues.

Sexta-feira, 27 — D. Leonilda Viegas Marques, D. Maria dos Remedios Crespo Mexia, D. Antonia Paula da Silva, dr. João Sabo, Antonio da Costa Prazeres, Augusto Soares Viegas, Alexandre Joaquim Tapum e o menino Vasco Aurelio Figueiredo.

Sabido, 28 — D. Helena Mesquita Pinto Serpa, D. Carolina Augusta de Braliande Moreira, D. Maria Eduarda de Jesus, D. Francisca do Carmo Teixeira, Antonio Luiz Golinho, Alfredo Mendes Campos, Eduardo Rodrigues de Mendonça, Pedro Francisco Alvares de Santana e Augusto Joaquim Domingues.

Teatro

Está em Faro o Duo 5 de outubro que amanhã se nos apresenta no Teatro-Circo, levando á cena as tres seguintes peças: A mulher liberal, o Zé na escola e os Creados aiores.

É uma recita extraordinaria, sob a direção do apreciavel ator Feliciano de Oliveira, e dedicada ao povo republicano.

Atendendo aos altos merecimentos do referido ator, espermo-nos que o espetáculo seja extraordinariamente concorrido e belamente apreciado.

Necrologia

Faleceu no dia 23, pelas treze horas e meia, o menino João de Sousa Rosa, de onze anos, filho do nosso amigo o remador José da Rosa.

Os nossos pezames.

ESTUDANTES

Recebem-se. Bom tratamento e preços modicos.

RUA BRITES DE ALMEIDA
Travessa do Monelavar, n.º 6 e 8
FARO

AUTOMOVEL NOVO

Aluga-se. Trata-se com Armando Ignacio Pires.
Rua Primeiro de Dezembro
52—Faro.

MARÇANO

Precisa-se de um para praticar em fazendas e que tenha aqui familia.

Diz-se na loja de Lisboa. — Rua do Rego 28—Faro.

TRESPASSE

Por motivo do seu proprietario Antonio dos Santos Capela, ter montado um novo estabelecimento de livraria na rua da Marinha, onde espera que os seus freguezes continuem a admirar as belas obras que tem para vender e alugar, trespasse-se o Kiosque, situado no jardim publico d'esta cidade (antigo Kiosque das Novidades).

Quem pretender, dirija-se á Livraria das Novidades, rua da Marinha, n.º 155, Faro.

ESTUDANTES

Recebem-se do 1.º e 2.º ano. Cama, meza e roupa lavada. Aceio e bom tratamento; preço modico.

Quem pretender, dirija-se a Manuel Luiz Martins, estrada da Circumvalação, n.º 50, Faro.

J. SILVA NOBRE

MEDICO-CIRURGIÃO

Ex-interno dos hospitales de Lisboa

Garganta, nariz e ouvidos—Doenças das senhoras—Tratamento da sifilis e das seções rebeldes pelo 606 de Ertlich.

Clinica Geral—Operações
CONSULTAS A'S 11 HORAS
FARO

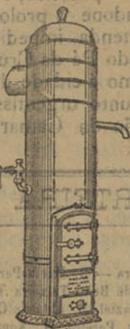
A VELOCIDADE

Casa de bicicletas e maquinas de costura

ALUGA E VENDE
DOMINGOS ANGELO
RUA TENENTE VALADIM

(Vulgº Travessa dos Cavalos)

FARO



LATOARIA PONTE

Sucessor de JOÃO F. X. da SILVA REIS

CASA FUNDADA EM 1888

R. Conselheiro Bivar, 3 — Avenida da Republica, 2

FARO



Especialidade em esquentadores para banho, em cobre polido, sistema francês, o melhor, mais economico e perfeito, que até hoje tem aparecido.

Manufatura de gazometros e candieiros para gaz acetilene, dos mais praticos e perfeitos. Encarrega-se da montagem dos mesmos em qualquer terra da provincia.

Especialidade em bombas de todas as qualidades as quaes se vendem pelos preços das fabricas.

Instalações completas para agua, em tubo de chumbo ou de ferro.

Especialidade em autoclismos inglezes em ferro fundido, sem valvula, de efeito seguro.

Especialidade em ferros de soldar a gazolina, sistema alemão, o melhor e de maior resistencia até hoje conhecido.

Torneiras de latão de todas as qualidades, folha de flandres, zinco, ferro zincado, tubos de chumbo, de latão e de ferro, em todas as grossuras, latão e cobre em folha. Estes artigos vendem-se a retalho ou em quantidade, a

PREÇOS SEM COMPETENCIA

A FILHA DO DIVORCIO
Romance parisiense de maior interesse na actualidade, por um dos mais alambicados escritores francezes e illustrado com magnificas gravuras francezas. Está em publicação pela acreditada casa editora *Bellem & Co. Succ. Lisboa.* Brindes aos srs. assinantes: uma estampa em chromo com um assunto de grande novidade. Caderneta semanal de duas folhas, 16 paginas, 20 réis. Tomo quinzenal ou mensal de 16 folhas, 100 réis.

As expedições serão feitas em cadernetas de 20 réis ou em tomos de 100 réis, sendo o porte á custa da empresa, a qual não fará segunda expedição sem ter recebido a importância antecedente.

PORTUGAL PREVIDENTE

Companhia de Seguros

CAPITAL 1.000.000\$000

SEGUROS DE VIDA (TODAS AS COMBINAÇÕES)

Seguros contra fogo

Seguros marítimos

Seguros de cristais

Seguros contra roubos

Seguros postaes

Seguros agricolas

AGENCIAS EM TODO O PAIZ E COLONIAS

Séde—Rua do Alecrim, 10—LISBOA

AGENCIA EM TAVIRA

PHARMACIA CUNHA 181

HOTEL MARCELLINO & ALGARVIO

PROPRIETARIOS

JOSÉ MARCELLINO & TAZZINELA

RUA DA PABARIA, 52 E 53—LISBOA

Comida e cama a 800 e 1\$000 réis. Camas a 200 e 300 réis

Biblioteca de Educação Nacional

AS MENTIRAS CONVENCIONALES DA NOSSA CIVILISACAO

A PSICOLOGIA DAS MULTIDOES

O QUE É O SOCIALISMO -- O ANARQUISMO

LEIS PSICOLOGICAS DA EVOLUCAO DOS POVOS -- CRISTO NUNCA EXISTIU

AVULSO—cada volume brochado 200 réis e encadernado 300 réis.

Tipografia Democratica

RUA 1.º DE DEZEMBRO -- FARO

N'esta casa, aberta recentemente, imprimem-se com a maior perfeição e brevidade, e por preços excessivamente baratos, todos os trabalhos tipograficos, tais como: faturas, memorandos, prospectos, bilhetes de visita, modelos de reparações, folhetos, rotulos de farmacia, etc., etc., etc.

IMPRESSÃO DE

LIVROS E JORNAES

N'este estabelecimento, que é sem duvida o melhor do Algarve, encontram-se á venda varias qualidades de papel de carta, quer ordinario quer de luxo, papel de officios, cartonado, almaço, etc., tambem por preços

SEM COMPETENCIA

ESPECIALIDADE EM PAPEIS TIMBRADOS E

PARTICIPAÇÕES DE CASAMENTO

F. S. SILVEIRA

ANTIGA CASA VIUVA SERZEDELO

Drogas e produtos quimicos, para farmacia e industria

IMPORTAÇÃO DIRETA

16 -- RUA DOS REMOLARES -- 18

LISBOA

CONDICÕES DE ASSINATURA (Pagamento adiantado)
Portugal e Colonias (Um anno) Porto, 1\$440 réis; Provincias, 1\$500 réis avulso, 120 réis.
Brasil (moeda forte) (um anno) Pelo correio, 1\$700 réis.
Para venda avulsa, o preço é fixado pelos nossos correspondentes

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua de S. Lazaro, 310 -- PORTO

ARTE

SECÇÃO ESPECIAL DE VENDAS POR ATACADO

A PRASOS, E A PRONTO PAGAMENTO

Expedição de qualquer encomenda com a maior brevidade

COMISSÕES E COMISIGNAÇÕES

LABORATORIO DE FARMACIA BANDEIRA & RAMOS

DIRETORES PROPRIETARIOS FARMACEUTICOS PELA ESCOLA DE LISBOA

SUCCESSORES DA ANTIGA FARMACIA PIRES

FUNDADA EM 1805

RUA D. FRANCISCO GOMES, 40, 42 E 44

FARO

Fornecimento para Farmacias, Hospitales e Laboratorios

Tisana de Zittmann, formula modificada do dr. Constantino Cumanó

AGUAS DE VIDAGO (Vidago, Vidago n.º 2 e Sabroso)

AGUAS DE S. VICENTE (Entre-os-Rios), DA CURIA E DE VERIM (Espinho)

PREÇOS MODICOS

REMEDIO CONTRA LOMBRIGAS (Vermifugo Braga)

É um remedio que se recomenda por si, e que com motivo justificado se pode chamar — A SAUDE DAS CREANCAS.

Aos revendedores e maiores compradores concedemos, quanto ás aguas, o mesmo desconto que dão os depositos de Lisboa, ficando a cargo do comprador o frete e o porte do caminho de ferro, que são, respectivamente, 80 réis 210 reis por cada caixa, desde Faro a qualquer estacao até Villa Real de Santo Antonio ou Villa Nova do Portimão; despezas desta consideravelmente menor do que vindo as aguas directamente de Lisboa, pois n'este caso regula por 1060 réis.
Requisitando-as do nosso deposito, ha tambem a vantagem de se receberem quasi de um dia para o outro, e da não menos importante circunstancia da redução da despesa resulta poderem-se vender ao publico, em qualquer ponto do Algarve, pelos preços de Lisboa.

Tinturia Lisbonense

ALBINO AUGUSTO TINTUREIRO

Chegado ha pouco de Lisboa, onde durante 18. annos exerceu a sua profissao, tendo sido mestre de varias tinturarias d'aquella cidade, encarrega-se de tingir seda, la e algodao em todas as cores; tingem-se capas de borracha pelo systema alemão, peles, roupas d'homem e vestidos de senhora sem que seja preciso desmanchal-os. Fazem-se lavagens especiais em vestidos, fatos e luvas, assim como lavagens a seco em toda a especie de roupas.

Tinge-se tambem fazendas em peça e fio lava-se la para colchoes, executam-se, emfim todos os trabalhos de tinturaria com a maxima perfeição e rapidez. Todas as roupas, por mais usadas que sejam, ficam perfeitamente novas.

Examine-se a cor no ato da entrega e se distinguir, restitu-se a importância. — Preço para tudo em 48 horas

RUA CASTILHO, 51A -- FARO

LIVRARIA DAS NOVIDADES

DE ANTONIO DOS SANTOS CAPELLA

AGENCIA DE PUBLICAÇÕES LITERARIAS

RUA DA MARINHA N.º 15 -- FARO

Fornecimento completo de livros necessarios em todos os collegios e liceus